DEVOTOS E CONTERRÂNEOS

JULIANA BRAZ DIAS
Universidade Federal de Mato Grosso

Brasília nasceu como uma cidade de migrantes. Pessoas de diversas partes do país seguiram para a nova capital a fim de reconstruir suas vidas, em um intenso fluxo migratório que se estende até os dias de hoje. No processo de mudança, cada uma dessas pessoas trouxe consigo rica bagagem cultural. Mas elas também muito deixaram para trás. Deixaram em seus locais de origem extensa rede de relações sociais e a segurança de viver em um corpo social ao qual se sentiam plenamente integradas. Era preciso adaptar-se à nova cidade, reorganizando suas redes de relações sociais e aprendendo novos padrões de comportamento, em um processo de ressocialização.

Este trabalho trata de um grupo específico de migrantes em Brasília. São maranhenses que se reuniram em uma associação voluntária, a Casa do Maranhão, procurando reconstruir um pouco do que foi perdido ao migrar para a nova capital. Procuro compreender o papel que a Casa do Maranhão tem desempenhado para seus membros, ao longo de quase trinta anos de existência. Enfoco a função adaptativa da associação, em especial a capacidade de ajudar o migrante maranhense a restabelecer sua identidade social, desestruturada no decorrer do processo migratório.

Busco também a compreensão da trajetória particular da Casa do Maranhão, que envolve significativa mudança de prioridade no desenvolvimento de suas atividades. Fundada com o intuito de promover as tradições culturais do Estado de origem dos seus membros, a Casa do Maranhão alterou progressivamente seus rumos, consolidando-se como uma "entidade filantrópica". A idéia de trazer para Brasília manifestações da cultura maranhense não foi inteiramente posta de lado. Mas a associação passou a

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005: 119-147

se dedicar de maneira especial ao que seus sócios chamam de "trabalho de benemerência". Concentrou-se na realização de serviço assistencial nas áreas de educação e saúde, direcionado para amplo público, não restrito aos migrantes vindos do Maranhão. Essa mudança de enfoque da associação e os significados que assume o assistencialismo nesse contexto são questões que orientam o desenvolvimento do presente estudo.[1]

A trajetória de uma associação voluntária

Em meados da década de 1970, um grupo de maranhenses residentes em Brasília resolveu formar uma associação que possibilitasse o contato mais freqüente entre esses migrantes, fortalecendo as relações entre eles. Com esse objetivo, foi criada a Associação Casa do Maranhão (ACM), fundada a 8 de dezembro de 1976, dia de Nossa Senhora da Conceição, que se tornou padroeira da Casa. Os fundadores da Associação eram, em sua maioria, funcionários públicos e militares transferidos para a capital.

A fim de congregar os maranhenses em torno de suas tradições, a Associação começou a realizar, no início da década de 1980, a Festa de São José de Ribamar. Era uma tentativa de reproduzir, na capital federal, a festividade tradicional maranhense, realizada no balneário de São José de Ribamar, localizado a 30 km de São Luís. No Maranhão, a festa acontece todos os anos no mês de setembro, em homenagem ao santo milagroso, padroeiro do Estado. Em Brasília, os membros da ACM procuraram aproximar-se ao máximo dos padrões da festa original. Passaram a realizar a comemoração anualmente, em setembro, de tal forma que os devotos do "Glorioso" São José de Ribamar pudessem prestar homenagem ao santo, por meio de uma procissão, uma missa e um festejo, no qual todos podiam encontrar comi-

1. A análise aqui desenvolvida parte de dados recolhidos em 1997. Desde aquele ano, pude continuar acompanhando os eventos organizados pela Casa do Maranhão com alguma regularidade. Pequenas modificações nas atividades desenvolvidas pela associação serão indicadas à medida que se mostrarem relevantes. Porém, o que de fato importa é que a estrutura da Casa do Maranhão tem permanecido a mesma ao longo desses últimos anos, tornando atual a análise empreendida no artigo.

das típicas do Maranhão e outras expressões das tradições do Estado, como o bumba-meu-boi.[2]

Durante muitos anos, a Associação enfrentou uma série de dificuldades, como falta de dinheiro, equipamentos e, principalmente, de uma sede própria. A possibilidade de construir a sede da Casa do Maranhão surgiu quando o maranhense José Sarney assumiu a Presidência da República, representando um reforço fundamental para a ACM. O Presidente José Sarney logo se mostrou "sensível à causa" e indicou uma comissão de membros da ACM para procurar o então governador do Distrito Federal, José Aparecido. E foi este último que, por fim, doou à Associação um terreno de 10.000 m² muito bem localizado no Plano Piloto, Asa Sul, em termo de comodato por vinte anos, para que se realizasse a instalação da Casa.

Faltavam ainda os recursos para a construção da sede. Em novas audiências com o Presidente da República José Sarney, que mais uma vez se mostrou disposto a colaborar com seus conterrâneos, a Associação obteve apoio da Fundação Banco do Brasil, que forneceu a verba necessária para a realização da obra. Contando ainda com o auxílio de outros conterrâneos, como o engenheiro contratado pelos associados, foi construída a sede definitiva da Casa do Maranhão, inaugurada no dia 8 de dezembro de 1989, quando era comemorado o dia de Nossa Senhora da Conceição e os 13 anos de existência da Associação.

Com uma sede composta por três pequenos prédios, um campo de futebol, um barracão e um santuário, réplica da igreja de São José de Ribamar no Maranhão, a Associação pôde dar início a uma série de novas atividades. Os objetivos dos associados consistiam em, por um lado, amparar os migrantes maranhenses residentes em Brasília, oferecendo-lhes assistência médico-odontológica, creche e cursos profissionalizantes; e, por outro lado, divulgar as tradições maranhenses trazendo para Brasília manifestações culturais do Estado.

Na nova sede, o prédio principal foi destinado ao que chamam de "atividades humanitárias". Cinco consultórios foram instalados, oferecendo diariamente serviços de odontologia, com preços acessíveis a uma popula-

2. A atual diretoria da Casa do Maranhão já não tem sido tão rigorosa com relação à data de realização da festa. A última Festa de São José de Ribamar, no ano de 2004, aconteceu no mês de outubro e estendeu-se por três dias.

ção mais carente. A cada dia, são atendidas em torno de quarenta pessoas nos consultórios odontológicos. Embora não tão atuantes quanto estes últimos, encontram-se também instalados nesse Centro Humanitário consultórios de cardiologia, oftalmologia, pediatria, ginecologia e psicologia.

Em um segundo prédio, foi instalada uma creche, que recebeu o nome de Creche Marly Sarney, em homenagem à esposa do então Presidente da República. Com capacidade para atender sessenta crianças, a creche oferece assistência educacional, alimentação e acompanhamento psicopedagógico. No último prédio, encontra-se uma escola profissionalizante, que oferece cursos de cabeleireiro, corte e costura, manicure e outros. No mesmo local funciona também uma escola de reforço, que orienta crianças da pré-escola à 6ª série do 1º grau.

O barracão, construído logo na entrada do terreno, é um salão para a realização das "atividades sociais", ou seja, as festividades promovidas pela Associação, como festas juninas, eventos em comemoração ao dia dos pais, das mães, das crianças, e mesmo a Festa de São José de Ribamar. É também alugado para pessoas da comunidade em geral, interessadas em utilizá-lo para a realização de festas.

Por fim, encontramos no Santuário de São José de Ribamar parte fundamental da Associação. Nesse pequeno santuário, com capacidade para aproximadamente cinqüenta pessoas, é realizada uma missa no quarto domingo de cada mês. São também realizados eventos como batizados ou outras cerimônias religiosas a pedido dos fiéis que freqüentam o santuário.

Tendo em vista o conjunto de atividades desenvolvidas pela Associação, a proposta inicial de divulgação da cultura maranhense não aparece mais como prioridade. O "Projeto Cultural Maranhão em Brasília", proposto pela diretoria da Associação com o intuito de trazer à capital apresentações de artistas maranhenses, fazendo da Casa do Maranhão uma "continuação do Estado", não recebeu apoio financeiro de órgãos governamentais e foi colocado de lado, sem maior interesse dos próprios associados. De maneira geral, os sócios têm voltado seus esforços para a "obra humanitária" desenvolvida pela ACM nas áreas de educação e saúde. A Casa do Maranhão é hoje vista por muitos de seus associados como uma "associação filantrópica sem fins lucrativos" – em contraste com a idéia original de uma associação cultural.

A manutenção da Casa do Maranhão se dá principalmente pelos recursos obtidos com o pagamento de taxas pelos usuários dos serviços

prestados pela Casa em seu Centro Humanitário. A Associação conta ainda com algumas doações esporádicas e com as mensalidades pagas pelos sócios. A Casa do Maranhão não recebe recursos do Governo do Distrito Federal, nem do Governo do Estado do Maranhão.

Com a construção da nova sede, a Casa do Maranhão viu crescer significativamente o número de associados. No início composta por um grupo bem restrito de pessoas, conta hoje com aproximadamente 3.500 sócios. Para se associar, não é necessário que a pessoa seja maranhense. Os sócios devem apenas contribuir com o pagamento de uma taxa mensal. Essa mensalidade, pensada como uma taxa simbólica, que serve apenas para a manutenção da Casa, tem, porém, um papel fundamental. Somente aqueles que pagam com regularidade suas mensalidades podem exercer efetivamente todas as atividades destinadas aos sócios. Como apenas uma parcela muito pequena das pessoas formalmente associadas paga essa taxa – aproximadamente quarenta pessoas dentre os 3.500 sócios – torna-se clara a distinção entre dois grupos de associados. Para referir-me a essa distinção, chamarei aqui aqueles que pagam suas mensalidades de "sócios efetivos".

Muitos eventos promovidos pela Casa do Maranhão estão restritos ao grupo de sócios efetivos. A simples participação na eleição da diretoria da ACM exige o pagamento regular das mensalidades, o que inviabiliza imediatamente o envolvimento de grande parcela dos sócios. Almoços e pequenas festas organizados pela Associação, bem como as missas realizadas no Santuário de São José de Ribamar, também têm seu interesse limitado ao pequeno número de sócios efetivos. São situações que tornam evidente um grau de mobilização extremamente pequeno engendrado pela Associação em parte significativa das atividades que realiza.

Composto basicamente por membros da diretoria e seus amigos mais próximos, o grupo dos sócios efetivos congrega pessoas de classe média e média-alta. São indivíduos que demonstram uma preocupação fundamental em desenvolver o aspecto assistencial da Casa do Maranhão. Muitos deles enfatizam que, antes mesmo de pertencer a essa associação, já demonstravam um forte interesse em ajudar a população carente. O "trabalho de benemerência" é apontado por esses membros como a meta fundamental da Associação e o incentivo para o prosseguimento desse trabalho vem por meio de um discurso de caráter religioso que enfatiza o valor da "caridade" e do "amor ao próximo". O grupo ressalta com freqüência a importância da dedicação incondicional à prestação de serviços à população carente. O serviço

voluntário e o esforço de cada membro para contribuir com o trabalho assistencial representam, para eles, os aspectos mais significativos do papel que desempenham na Casa do Maranhão.

Contudo, para o restante dos sócios, que se associaram, mas que não pagam as mensalidades e permanecem ausentes na maioria dos eventos promovidos pela Associação, a realidade da Casa do Maranhão configura-se de maneira bem diferente. O grande evento da Associação onde muitas dessas pessoas reaparecem, colocando em destaque uma outra faceta das atividades da Casa, é a Festa de São José de Ribamar. Centenas de pessoas comparecem anualmente à festa em homenagem ao padroeiro do Maranhão, tornando a se ausentar da Associação no restante do ano. Tais pessoas não participam do serviço assistencial desenvolvido pela Casa, demonstrando desinteresse por esse tipo de atividade.

Ao descrever a Casa do Maranhão, não se pode deixar de lado outros grupos de importância para a mesma, nos quais a ligação com a Casa se dá por outras vias, que não a associação formal. Refiro-me, em primeiro lugar, aos funcionários contratados pela Associação. São em sua maioria maranhenses que recebem salário para exercer tarefas diversas, como administração e limpeza. Em segundo lugar, chamo a atenção para os dentistas, médicos e psicólogos que trabalham na Casa. Eles não são considerados funcionários como os outros antes mencionados, por desempenharem um trabalho por eles definido como "voluntário".

Por fim, é fundamental mencionar a clientela da Casa do Maranhão, que usufrui dos serviços prestados pela Casa na área de saúde e educação. São pessoas de baixa renda, que procuram serviço médico-odontológico e creche a preços mais acessíveis. Muitos deles são maranhenses, mas não possuem qualquer outro vínculo com a Casa. Aliás, o fato de ser maranhense não adquire aí muita importância, pois o tratamento recebido por essa clientela é sempre o mesmo, independente de seu Estado de origem.

A clientela da Casa do Maranhão é essencial para a Associação. É ela alvo da atividade mais enfatizada no cotidiano da Casa, o "trabalho humanitário". Essas pessoas tornam-se o foco da atenção dos sócios efetivos que se empenham em atos de caridade. Ainda, a existência da clientela é fundamental para o próprio sucesso da Casa. Sócios, dentistas e funcionários enfatizam que o bom êxito da Casa do Maranhão está vinculado ao crescimento no número de pessoas que procuram seus serviços. Sem tal clientela, acreditam eles, teríamos a falência da Associação.

Percebemos com isto que, para uma parcela significativa dos envolvidos com a Casa do Maranhão, a preocupação com as festividades foi sendo substituída por um crescente interesse pela "obra humanitária" desenvolvida pela ACM nas áreas de educação e saúde. No discurso dos sócios efetivos em particular, a Casa do Maranhão é descrita como uma "associação filantrópica sem fins lucrativos", divergindo do que parecem ter sido suas propostas iniciais. O favorecimento de um contato maior entre os maranhenses residentes em Brasília e a divulgação das manifestações culturais do Estado não foram de todo esquecidos. Porém, o cotidiano da Associação revela uma mudança de ênfase em direção ao "trabalho de benemerência", orientado em larga medida pela crença na necessidade de ajudar as pessoas carentes, maranhenses ou não. A Casa gradativamente deixou de ser uma associação de iguais para se tornar uma instituição de desiguais, baseada em participação diferenciada.

Paralelamente a essa mudança, percebemos uma alteração no próprio envolvimento dos sócios com a Casa do Maranhão. É clara a diminuição na participação dos mesmos nas atividades desenvolvidas pela Casa. Das mais de três mil pessoas que um dia se associaram à ACM, pouquíssimas mantêm vivo o interesse pela Associação. Os "sócios efetivos" acabam se restringindo a um pequeno grupo envolvido diretamente com as atividades da Casa e contraposto à grande maioria de pessoas que, afastadas durante quase todo o tempo, só voltam a aparecer na Associação por ocasião da Festa de São José de Ribamar. Tal constatação torna necessária uma análise cuidadosa da festividade, a fim de indicar seu significado para os membros da Associação Casa do Maranhão como um todo.

A Festa de São José de Ribamar e a construção da "comunidade maranhense"

Durante os meses de agosto e setembro de 1997, funcionários e membros da diretoria da Casa do Maranhão dedicaram-se aos preparativos da "Festa de São José de Ribamar em Brasília", que seria a 15ª festa organizada pela Associação em homenagem ao santo. A festa, que havia sido precedida por uma novena (realizada nas noites anteriores no Santuário de São

José de Ribamar), teve início ainda cedo no dia 28 de setembro. Às 9 horas chegou à sede da Casa do Maranhão a banda do Exército, que tocaria durante a cerimônia do hasteamento das bandeiras. O evento aconteceu na praça localizada em frente ao Santuário, com uma audiência ainda muito pequena. A banda tocou o Hino Nacional e o Hino do Maranhão, enquanto os membros da diretoria hasteavam as bandeiras do Brasil, de Brasília, do Maranhão e da Casa do Maranhão. Com o fim da cerimônia do hasteamento, todos se dispersaram pela sede.

No interior do santuário, algumas pessoas empenhavam-se nos preparativos para a missa. Participavam dessa tarefa algumas senhoras que tinham estado presentes na novena que antecedeu a festa. A pequena igreja foi decorada especialmente para a ocasião com flores e uma vela com a imagem de São José. Foi preparado também um espaço para os fiéis colocarem suas velas acesas em promessas. Todos esses detalhes da decoração já estavam acertados e os esforços voltavam-se agora para a organização dos cânticos que seriam entoados durante a missa, com destaque especial para o hino a São José de Ribamar.

As mulheres da diretoria preparavam a comida que seria servida mais tarde. Como ingrediente, eram utilizados frutos do mar trazidos do Maranhão pelo grupo de bumba-meu-boi que se apresentaria na festa. Enquanto as mulheres se empenhavam nessa tarefa, os homens da diretoria encontravam-se espalhados pela sede cuidando de outros detalhes da organização do evento, como a iluminação e o sistema de som. Decoravam também o barracão com dois "bois", cujos "couros" haviam sido bordados especialmente para a Casa do Maranhão com o desenho do Santuário de São José de Ribamar e o nome da festa em homenagem ao santo.[3] E antes mesmo que os preparativos estivessem terminados, já estava tendo início a procissão.

Às 10h30 os sinos tocaram no Santuário de São José de Ribamar convidando os presentes para a procissão. Na porta da igreja, estavam alguns homens da diretoria segurando o andor com as imagens de Maria, José e o Menino Jesus. O presidente da Associação vestido com um terno de linho que contrastava com a informalidade das roupas das outras pessoas organizava os presentes em duas filas para dar início ao evento. Os membros da

3. "Couro" é o nome que se dá ao pano que reveste a armação do "boi". O esmero com que realizam a decoração desse pano, bordado usualmente com contas de vidro coloridas, é motivo de orgulho para os grupos de bumba-meu-boi.

diretoria que carregavam o andor iam à frente, seguidos pelos fiéis, que somavam aproximadamente sessenta pessoas.

Saindo do Santuário, a procissão seguiu em direção ao portão da sede. Deixou o terreno da ACM e dirigiu-se para uma avenida relativamente movimentada. O presidente da Associação ia à frente de todos, organizando o percurso. Chegando à avenida, ele fez sinal para que os carros todos parassem. Os homens carregando o andor e os fiéis que os seguiam deram a volta em frente aos carros e retornaram para a sede.

Durante todo o percurso, os fiéis rezaram o terço, entremeado por trechos do hino de São José de Ribamar. Formavam um grupo heterogêneo, embora fosse possível perceber com destaque a presença de senhoras mais idosas, algumas acompanhadas de seus esposos. Havia também núcleos familiares, com crianças acompanhando seus pais, além de alguns poucos jovens. Eram pessoas que aparentavam ser de camadas média e média-baixa e que não pareciam ter um contato maior entre si. Nem todos os membros da diretoria participavam da procissão, ocupando-se de outros aspectos da festa.

Depois de percorrido todo o trajeto, do santuário à avenida e novamente ao santuário, entraram todos na igreja com o andor do santo e prosseguiram a oração. Ao final do terço, o padre, que até então não tinha participado, subiu ao altar e deu início à celebração da missa. A cerimônia seguiu em conformidade com as missas que acontecem mensalmente no Santuário de São José de Ribamar. Logo no princípio, uma das organizadoras da missa leu a relação dos associados aniversariantes do mês, oferecendo a missa em ação de graças pelo aniversário de cada um desses membros da comunidade. Cada nome citado era seguido por suas devidas referências, como o nome do pai e da mãe ou do cônjuge, a fim de que todos os presentes soubessem quem eram as pessoas mencionadas. Transparecia a necessidade de um reconhecimento social que possibilitasse a particularização de cada uma das pessoas citadas. Essa tonalidade pessoal que adquirem as relações é bastante comum no contexto da Associação. Cada um dos membros é pensado a partir de suas relações pessoais, que o possibilitam participar efetivamente da comunidade.

O padre prosseguiu com a cerimônia, insistindo sempre no mesmo tema: a caridade. Reforçou a necessidade de ajudar o próximo, enfatizando o papel fundamental dos fiéis ali presentes no auxílio das pessoas carentes. Encontravam-se na missa em torno de cem pessoas, um número superior à

capacidade da pequena igreja. Apesar da aparente heterogeneidade do público de fiéis, a identidade do grupo era sempre enfatizada ao longo da cerimônia. Aquele conjunto heterogêneo de pessoas formava uma comunidade, a "comunidade maranhense", em virtude de uma intensa devoção comum a São José de Ribamar.

Ao final da missa, já tinha início uma outra atividade fora do santuário, dando continuidade à festa. Tratava-se do almoço, com a venda de comidas típicas maranhenses. As pessoas acumulavam-se nas filas para comprar a comida. A conversa enquanto esperavam sua vez era sempre a mesma, relacionada às comidas e bebidas típicas maranhenses. Todos demonstravam muita saudade dos pratos tradicionais do Estado e, principalmente, do "Guaraná Jesus", um refrigerante cor-de-rosa produzido em São Luís e que tem uma aceitação extraordinária entre os maranhenses. Pessoas exclamavam: "Ah! Mas é uma delícia o Jesus! Ave Maria!". Comentavam também o novo sabor do refrigerante, os locais onde se podia encontrar o guaraná em Brasília e onde era vendido mais barato, comparando com o seu preço no Maranhão. Acabavam sempre perguntando entre eles: "Qual foi a última vez que você foi no Maranhão?". Outro assunto comum nas conversas na fila era o preço das comidas e bebidas vendidas na festa. Reclamavam dos preços, alegando ser muito caro, principalmente para quem estava ali com a família inteira. Mas ainda assim, todos compravam: cuxá, torta de camarão ou caranguejo, peixe, arroz com carne de sol, suco de cupuaçu ou bacuri e, claro, o Guaraná Jesus.[4] Ao comer, alguns relembravam com saudade o tempo em que moravam no Maranhão. Outros criticavam a comida, demonstrando conhecimento aguçado no assunto: "Esse cuxá está diferente (...). Não deve ter sido feito por maranhense!".

A grande maioria das pessoas presentes era maranhense e freqüentava sempre a Festa de São José de Ribamar. O contato dessas pessoas com a Associação dava-se fundamentalmente pela festa. Entre todos os eventos que faziam parte do festejo, o que parecia atrair o maior número de pessoas

4. O preço das comidas tem-se tornado um problema cada vez maior para os freqüentadores da festa. Somado ao valor que passou a ser cobrado pelo ingresso na festividade, tornou-se um verdadeiro obstáculo para algumas famílias maranhenses que pretendem matar a saudade das tradições do Estado. Em edições mais recentes da festa, pude observar famílias que precisaram pedir dinheiro emprestado a amigos e outras que optaram por não participar do evento para não prejudicar o orçamento doméstico.

era mesmo o almoço. Aproximadamente seiscentas pessoas se encontravam no local por volta das 14 horas.

O presidente da Casa do Maranhão, que circulava pela festa acertando detalhes da organização, aproveitava também para utilizar o sistema de som que havia sido instalado. Freqüentemente falava ao microfone, dirigindo-se a todos os presentes, para informar sobre a programação da festa e sobre outros eventos organizados pela Casa. Anunciava o 1º Festival de *Reggae* de Brasília, que a ACM planejava realizar, promovendo esse estilo de música tão popular no Estado do Maranhão. Informava também sobre os artistas que estariam presentes na festa ainda naquele dia, em especial o grupo Bumba-meu-boi do Centro Educacional Imaculada Conceição (CEIC), vindo diretamente do Maranhão. E não deixava de enfatizar também a dimensão assistencial da Casa, lembrando os presentes do "trabalho de benemerência" desenvolvido pela Associação.

Entre as atrações musicais, o primeiro grupo a se apresentar, enquanto as pessoas ainda almoçavam, foi um grupo de pagode. Logo após, o presidente anunciou, com muitos elogios, a presença do "maestro" Nonato. Integrante da banda de *reggae* maranhense "Tribo de Jah", Nonato apresentou-se tocando teclado e cantando variados estilos de música do Maranhão. Tocou Música Popular Maranhense (MPM), toadas de bumba-meu-boi, tambor de crioula e *reggae*. O público parecia bastante animado e algumas pessoas aproveitaram para dançar. Quando Nonato tocou as toadas de bumba-meu-boi, um dos membros da diretoria correu ao encontro de um dos "bois" que decoravam o barracão e o trouxe para o espaço onde as pessoas dançavam. Posicionou-se como "miolo" aquele que fica por baixo da armação do boi e botou o boi para "rolar" entre aqueles que dançavam, o que provocou grande animação. Depois de algumas toadas, o presidente foi chamado para "brincar" também. Ele fez uma pequena demonstração como "miolo" e entregou o boi novamente para o outro membro da diretoria. Essa circunstância marcou um momento bastante particular e significativo da festa, quando foi possível perceber uma maior integração e proximidade entre a diretoria e o restante dos presentes. Os membros da diretoria, que até então permaneciam de certa forma afastados, organizando a festa, participavam agora com o público de um momento de grande entusiasmo.

As pessoas, dispersas pela sede, formavam diversos grupos de familiares e amigos, reunidos em volta das mesas. Também os funcionários da Casa e alguns dentistas reuniam-se com seus respectivos familiares. So-

mente os membros da diretoria pareciam não manter um lugar fixo, circulando todo tempo pela festa.

Aproximadamente às 16h30, quando os presentes já estavam ansiosos, o grupo Bumba-meu-boi do CEIC deu início à sua apresentação. Era um "boi de orquestra", ou seja, um estilo ou "sotaque" de bumba-meu-boi onde prevalecem instrumentos de sopro e cordas, como saxofones, banjos, clarinetas e flautas. Nessa apresentação, porém, não estava presente nenhum dos músicos. Apenas os "vaqueiros" e as "índias" compareceram dançando diversas coreografias enquanto dois cantadores dublavam o disco que tocava (e que estava à venda para os presentes). De acordo com a explicação do presidente, não tinha sido possível trazer todos os componentes do grupo no ônibus, o que levou à necessidade de selecionar parte do grupo, com o privilégio daqueles que executavam as danças.

Todos prestavam bastante atenção na apresentação. Comentavam as roupas e as coreografias, elogiando sempre. Somente ao som das últimas toadas o público passou a dançar também. Os integrantes do grupo não demonstravam nenhuma relação mais íntima com o público, marcando bem o caráter de "apresentação", contrastado com as "brincadeiras" do bumba-meu-boi.

Antes que terminasse a apresentação do Bumba-meu-boi do CEIC, chegaram à Casa do Maranhão os integrantes do "boi do S. Teodoro", de Sobradinho.[5] O clima era de competição entre os dois grupos de boi presentes. Cada um procurava alcançar maior receptividade do público, demonstrando mais animação e mais graça, além da beleza das roupas. A disputa era vivenciada de maneira especial pelo grupo do Mestre Teodoro. Alguns dias antes da festa, um de seus membros chegou a afirmar que não gostava de se apresentar na ACM, pois percebia que o público só dava valor ao grupo de boi vindo diretamente do Maranhão.[6] De fato, quando os brincantes do

5. Na cidade satélite de Sobradinho, funciona um Centro de Tradições Populares (CTP), cuja atividade principal é um grupo de bumba-meu-boi, coordenado pelo Mestre Teodoro Freire, com participação de migrantes maranhenses advindos das classes populares. O grupo ocupa lugar de destaque no universo da cultura popular no Distrito Federal e apresenta vínculos muito difusos com a Associação Casa do Maranhão.

6. Por este e outros tantos motivos, a apresentação do boi do S. Teodoro na Festa de São José de Ribamar em Brasília é sempre sujeita a muita negociação. Os integrantes do grupo reclamam, não querem participar da festa, mas acabam sempre presentes – em alguns anos, como o único grupo de bumba-meu-boi a participar do festejo.

boi de Sobradinho deram início à sua apresentação, o público já era menor. Muitas pessoas tinham ido embora. As que permaneceram, porém, demonstraram-se entusiasmadas com o boi. Algumas pessoas enfatizaram que preferiam o "sotaque" do boi do S. Teodoro, no qual predominam a matraca e o pandeirão. O público, incluindo os membros do boi do CEIC, sempre atento, não dançou com o grupo dessa vez.

Ao final, os brincantes seguiram para a frente do Santuário de São José de Ribamar. Em homenagem ao santo, cantaram mais algumas toadas. O público, nesse momento, já era muito escasso. Ao fim da apresentação, o presidente da Associação aproximou-se do grupo e dirigiu algumas palavras diretamente a seus integrantes:

> Eu queria agradecer a presença de vocês e falar para vocês que a Casa do Maranhão não é só a Festa. Quando vocês precisarem de dentista, de creche, de cursos profissionalizantes, procurem a gente. A Casa é nossa!

Dessa forma, o presidente marcou a participação do grupo na festa como um ato de reciprocidade, no qual os brincantes realizaram um favor pela sua apresentação. O agradecimento por essa atividade foi seguido, em contrapartida, pelo oferecimento de um outro favor, não mais restrito ao momento da festa, mas fundado no serviço assistencial prestado durante todo o ano pela Casa do Maranhão, que naquele momento era representada pelo presidente.

Terminadas as apresentações de bumba-meu-boi, aproximadamente às 19 horas, poucas pessoas permaneceram na festa.

* * *

Entre todas as atividades desenvolvidas pela Associação, a Festa de São José de Ribamar é o evento que congrega o maior número de participantes, sócios e não-sócios. Durante suas atividades cotidianas, a Casa do Maranhão parece perder muito do caráter associativo proposto na época de sua fundação. No momento da festa, porém, a ACM deixa de ser uma representação, uma construção mental, e transforma-se em ato, ganhando concretude por meio de ações rituais. Podemos perceber no rito a presença de todos os grupos envolvidos com a Associação. Torna-se particularmente interessante analisar como esses grupos distintos aparecem no evento e a

maneira como interagem, procurando revelar o sistema de relações sociais construído entre os membros da Associação.

Em páginas anteriores, identifiquei diferentes grupos envolvidos com a Associação. Em primeiro lugar, apresentei os "sócios efetivos", que, incluindo quase exclusivamente os membros da diretoria com seus amigos e parentes, constituem um grupo que participa ativamente das atividades desenvolvidas pela Casa, encontra-se com determinada freqüência e vê o serviço assistencial como a meta fundamental da Associação. Em segundo lugar, apontei o restante dos sócios, que, formando um dos grupos mais numerosos, permanece ausente da maioria dos eventos organizados pela Associação e só se reintegra a ela por ocasião da Festa de São José de Ribamar. Em terceiro lugar, mencionei os funcionários da Casa do Maranhão, juntamente com os dentistas, médicos e psicólogos que se dedicam ao atendimento da clientela da ACM. E, por fim, apresentei a própria clientela, formada por pessoas das camadas baixas da população do Distrito Federal e que usufruem dos serviços prestados pela Casa.

Na Festa de São José de Ribamar esses grupos reaparecem organizados de maneira um pouco diferente. Vale ressaltar, logo a princípio, que a participação conjunta de todas essas pessoas em um mesmo evento revela a existência de uma comunidade única, com pelo menos um interesse comum: a participação na Festa. Ainda, sendo o evento uma festa religiosa em homenagem ao padroeiro do Maranhão, os membros dessa comunidade compartilham também uma intensa devoção ao santo. A existência da comunidade, porém, não impede a formação de grupos distintos em seu interior, os quais apresentam interesses diferentes no envolvimento com a festividade e interagem de formas diversas no decorrer do evento.

Os sócios efetivos têm uma participação bastante específica na festa. Voltavam-se, em grande parte do tempo, apenas para a organização do evento. O interesse do grupo revelava-se na tentativa de garantir a ordem do rito, com uma dinâmica particular que possibilitasse o bom êxito da festa, mesmo que para isso fosse necessário abdicar de outros interesses particulares de seus membros. Causou-me estranheza, por exemplo, o fato de que algumas senhoras que se mostraram tão envolvidas na novena que antecedeu a festa, reforçando sempre a devoção a São José de Ribamar, não tenham participado da procissão nem da missa, concentrando seus esforços na organização do almoço. Seus interesses particulares, por mais importantes que fossem, sucumbiam no momento ao interesse maior do gru-

po de possibilitar o bom andamento da festa. Além disso, sendo parte da Associação, elas passam a estar incluídas no ato onde a Casa do Maranhão como um todo demonstra sua devoção por meio da organização de uma procissão em homenagem ao santo. A própria relação da Associação com São José de Ribamar é também em alguma medida a relação dessas senhoras com o santo.

Uma observação importante a respeito dos sócios efetivos refere-se ao papel desempenhado pelo presidente, visto como representante desse grupo. Ele marcava a todo tempo sua posição, destacando-se dos demais até mesmo pela sua roupa, que, de grande formalidade, contrastava com todos aqueles presentes na festa. Permanecia à distância, como o grande ordenador do evento, não participando diretamente das atividades. Durante a procissão, seguia sempre alguns metros à frente do conjunto de fiéis, apenas orientando o trajeto e possibilitando o percurso pela avenida.

Em contraste com os sócios efetivos, temos o maior dos grupos, composto pela massa de sócios ausentes, que não pagam as mensalidades e não participam de grande parte das atividades da Associação. Somam-se ainda a uma maioria que nem sequer é associada ou não se considera mais sócia. São pessoas que se voltam exclusivamente para a Festa de São José de Ribamar, só procurando a Associação na época da festividade. Além de não serem sócios, não se preocupam com o serviço assistencial desenvolvido pela Casa do Maranhão. Apontam como interesse fundamental na festa dois outros fatores: as "atrações culturais", bumba-meu-boi em especial, e as comidas e bebidas típicas, dos quais voltarei a tratar mais adiante.

Funcionários da Casa, dentistas, médicos e psicólogos formaram, na festa, um único agregado, reunido em uma mesa ao longo do dia. Durante a festa, não participaram ativamente nem da organização, nem dos eventos religiosos, participando apenas do almoço e das "atividades culturais" como a maioria dos presentes.

Por último, tenho que destacar outro grupo, que apareceu com importância fundamental na festa. Trato aqui do conjunto formado pelos dois grupos de bumba-meu-boi que se apresentaram no evento, desempenhando um papel de relevo, porque grande parte da atenção dos presentes voltava-se para eles. Ambos os grupos de brincantes estavam presentes na festa exclusivamente para a apresentação. Nenhum dos dois envolveu-se em outra atividade durante o festejo, nem mesmo no almoço. Mantiveram-se afastados do local da festa quase por todo o dia. Permaneceram isolados, até mesmo entre eles, sem nenhuma forma de intermediação entre os dois bois.

Apesar de estarem sendo considerados aqui um grupo único, mantinham relação de adversidade e competitividade entre eles, reforçada pela diferença de "sotaques", que demarcava duas formas distintas de expressar essa tradição maranhense.

O Bumba-meu-boi do S. Teodoro, em particular, mostrou um posicionamento bastante curioso. No clima de competição, os brincantes diziam sentir-se inferiorizados. Seu isolamento e certo deslocamento em relação ao conjunto de membros da Casa do Maranhão foram quebrados, porém, pelo discurso do próprio presidente da Casa. A fala do presidente ao final da apresentação posiciona os integrantes do Bumba-meu-boi do S. Teodoro exatamente no grupo que até então não tinha aparecido na festa: a clientela da Casa do Maranhão. O presidente ofereceu os serviços prestados pela Associação aos brincantes, ao mesmo tempo em que os agradeceu pela apresentação. Marcou assim a distinção entre os sócios (como ele próprio) que prestam os serviços, e a clientela carente que usufrui os mesmos. Ao final, ainda propôs a unificação dos dois grupos distintos que delineava, ressaltando que "a Casa é nossa", ou seja, que ambos os grupos são partes de uma mesma comunidade, embora a participação seja diferenciada.

Essa separação que estabelece o presidente pelo seu discurso é fundamental na Casa do Maranhão. Trata-se de uma distinção fortemente baseada na honra estamental. O prestígio do presidente e de seus iguais fundamenta-se não apenas em determinantes econômicos, mas também em uma série de outras características que conformam seu estilo de vida, incluindo sua ocupação, o lugar de residência e outros. Tal grupo detém um *status* que o diferencia daquele no qual se encontram os integrantes do grupo de bumba-meu-boi. Estes últimos não possuem o prestígio dos primeiros, não sendo considerados como "iguais", o que permite uma relação na qual o presidente concede a eles um favor, em um ato benevolente que marca a distinção de posições característica da relação patrono/cliente.

No complexo conjunto de relações entre os grupos, é possível perceber a participação destacada de alguns atores capazes de atuar simultaneamente em mais de uma rede de interação, operando como intermediários ou *cultural brokers* que articulam os diversos grupos. Muitas relações e interesses podem interseccionar-se em uma mesma pessoa, que passa a pertencer a mais de um grupo, incluindo grupos em oposição entre si. A própria coesão social da comunidade depende em larga medida desses atores.

Podemos observar essa capacidade de circulação em dois membros da diretoria. O primeiro deles, desde que ingressou na diretoria da Casa do Maranhão, enfatizou sempre sua preocupação em reforçar o aspecto "cultural" da Casa. Propunha fazer do terreno da sede da ACM "um pedacinho do Maranhão", por meio do incentivo a toda a "parte cultural". Acredita ser esta a única coisa que realmente importa, ao contrário do que procuram mostrar os outros membros da diretoria, preocupados com o aspecto assistencial. Sua opinião vai diretamente ao encontro do que pareceu ser o interesse da grande maioria do público na festa, o que possibilita a ele fazer a ligação entre os dois grupos. Em uma situação em particular tornou-se bem clara sua mobilidade. Foi ele quem tomou a atitude de pegar a armação do boi durante a festa e brincar como "miolo", simbolizando a "cabeça", a parte essencial dessa tradição, e penetrando de forma muito eficiente no grupo dos que tinham como interesse a participação em tais "atividades culturais". Interessa observar que o presidente, embora tenha também brincado o boi, permaneceu todo o tempo em uma posição destacada dos demais, sem circular eficientemente pelos dois grupos.

Há também um membro da diretoria que faz a ligação com toda a parte vinculada à religião. Pude perceber isso em outros eventos ocorridos na Associação, como as missas realizadas mensalmente. Ele enfatizava a todo momento a unidade da "comunidade maranhense", a partir da devoção a São José, e reforçava o vínculo entre todos os fiéis. Na Festa de São José de Ribamar, porém, ele não pôde estar presente, o que levou outras pessoas indicadas por ele a desempenhar tal função.

É preciso destacar também uma outra pessoa capaz de circular por vários grupos. Embora não seja membro da diretoria, ele é um ex-presidente da Casa e relaciona-se freqüentemente com os atuais diretores, participando de almoços por eles organizados. Volta-se também para o lado religioso da Associação, reforçando esse vínculo com os fiéis. Ainda, é vice-presidente do Centro de Tradições Populares de Sobradinho (o Bumba-meu-boi do S. Teodoro), o que possibilita uma relação muito estreita exatamente com um dos grupos que aparece de forma mais destacada no contexto da Festa.

A existência de tantos grupos com interesses distintos, relacionados entre si, não impede que haja também um interesse comum, constituindo uma unidade maior chamada por eles de "comunidade maranhense". Essa comunidade foi construída ritualmente por diversas atividades que se sucederam ao longo da festa. A primeira delas foi a cerimônia do hasteamento

das bandeiras. Apesar do pequeno número de pessoas participando desse evento, que não se destacou no contexto da festa como um todo, ele é simbolicamente relevante por caracterizar a inserção do Estado do Maranhão no cenário da Capital Federal. As bandeiras, os hinos e o Exército, representado pela banda, marcavam nesse rito cívico a "comunidade maranhense" como uma unidade pertencente à Nação.

O segundo passo na construção de tal comunidade foi a procissão em homenagem a São José de Ribamar, também revestida de forte poder simbólico. A realização da procissão por um percurso que parte da sede da Casa do Maranhão e chega até uma avenida mais movimentada, faz dela o único momento em que o grupo deixa a sede e apresenta-se para a sociedade maior, a sociedade brasiliense. Os migrantes colocam-se perante a sociedade que os acolheu enfatizando um aspecto fundamental de sua identidade: a religiosidade.

Vale ressaltar que todos esses atos, ao mesmo tempo em que constituem a "comunidade maranhense", também atuam de modo a marcar diferenças no seu interior. Tais diferenças podem ser percebidas tanto no ato do hasteamento, realizado por membros da diretoria, enquanto o restante apenas assistia ao evento, quanto na procissão, cujo ordenamento espacial revela uma organização hierárquica muito própria: quem carrega o andor, quem organiza o percurso, quem vai à frente puxando o terço e quem simplesmente os segue rezando.[7]

A reunião de grupos diversos formando uma comunidade maior, a "comunidade maranhense", pode também ser percebida em outra atividade que compõe a Festa de São José de Ribamar: o almoço com comidas e bebidas típicas maranhenses. Pela via da comensalidade, a Associação revela mais

7. Referindo-se a esta questão, Da Matta (1983) realiza interessante comparação entre a procissão e a parada militar. Para o autor, embora a procissão seja caracterizada por um núcleo rigidamente hierarquizado, formado pelas pessoas que carregam a imagem do santo, esse núcleo é também seguido por um conjunto desordenado de tipos sociais que demonstram sua devoção. De tal forma a procissão reúne os componentes da hierarquização, presentes na parada militar, bem como os elementos da reunião polissêmica que unem as autoridades ao povo. Assim, enquanto a parada reforça a hierarquia que é parte de nosso sistema social, as procissões "atualizam em seu discurso uma sistemática neutralização de posições, grupos e categorias sociais, exercendo uma espécie de *Pax Catholica*" (Da Matta 1983: 55).

uma vez sua coesão como associação de diferentes.[8] A "comunidade maranhense", ao compartilhar o alimento, compartilha ao mesmo tempo uma tradição. Torna-se evidente a relevância das comidas e bebidas tipicamente maranhenses servidas na Festa de São José de Ribamar como um referencial para a construção da identidade do grupo. O consumo desses alimentos possibilita uma religação com o Maranhão, fortalecida anualmente na festa.

Outro passo na construção simbólica da "comunidade maranhense" é a atualização de manifestações da cultura popular do Estado, por meio das apresentações ao longo da festa. Elas adquirem grande importância durante o evento, em especial o bumba-meu-boi, que se torna uma metáfora do Maranhão. Na festa, a tradição maranhense revigora-se em um espaço que passa a ser "um pedacinho do Maranhão em Brasília".

Essa dimensão da Associação ganha relevo em um momento específico que retoma em um ato de grande riqueza simbólica todo o sentido da Festa de São José de Ribamar. Quando o grupo de bumba-meu-boi do S. Teodoro dirige-se à praça em frente ao santuário para "brincar" em homenagem ao santo, torna-se claro o entrelaçamento dessa atividade com a religiosidade dos membros da Associação. São colocados em relação o boi e o santo, o "cultural" e o "religioso". A devoção é vivenciada nesse instante com grande intensidade, mesmo desvinculada das cerimônias da missa e da procissão. A relação com o santo padroeiro do Estado do Maranhão passa a estar interligada com a experiência de brincar o boi maranhense. O bumba-meu-boi encerra a homenagem ao santo, marcando o final da festa.

Direcionamo-nos, assim, para uma dimensão fundamental da Associação: a religião, que surge englobando todos os outros planos por meio dos quais se constrói a "comunidade maranhense". A própria data de fundação da Casa no dia de Nossa Senhora da Conceição sugere o quanto a religiosidade é essencial para a ACM. As atividades religiosas têm grande destaque, atingindo seu ponto culminante na festa, que é, antes de tudo, uma comemoração em homenagem ao santo padroeiro do Estado do Maranhão. A intensa devoção a São José de Ribamar indica que a construção da identidade do grupo passa necessariamente pela religiosidade.

---

8. Van Gennep (1969: 29) já ressaltava que o rito de comer e beber em companhia de outras pessoas é claramente um rito de agregação. A comensalidade entre grupos que se pensam como separados atua fortemente no sentido da coesão social, incorporando esses grupos diferenciados em uma totalidade única.

O significado da religião para os membros da Casa do Maranhão pode ser percebido com bastante ênfase no discurso de alguns de seus membros, que vêem na religiosidade o motivo principal da participação na Associação:

> (...) quem é devoto de São José de Ribamar jamais se afastará da Casa do Maranhão. É o meu caso, entendeu? Como eu sou devoto, estou no departamento religioso até hoje e vou continuar, quer entre qualquer presidente, seja ele quem for, eu e outros companheiros jamais nos afastaremos da religião, ou seja, do Santuário de São José de Ribamar.

Podemos perceber pelo trecho citado a importância da devoção para os membros da Casa do Maranhão, constituindo-se como um fator estruturante da Associação. A devoção é signo de uma ligação irrenunciável, para além da política, do mundano. A idéia ressurge constantemente na fala de vários outros sócios, que mantêm a afirmação: "(...) ele [São José de Ribamar] é nosso padroeiro, a gente está aqui na Casa do Maranhão por causa dele".

A relação entre o devoto e o santo pode ser melhor compreendida pela análise das orações e das letras dos cânticos entoados durante as missas, novenas e procissões na Casa do Maranhão. Nesses textos, a imagem do "Glorioso Patriarca São José de Ribamar" é construída reforçando sempre os poderes do santo. A "estreita união com Jesus e Maria" confere a ele especial competência na intercessão para a salvação de seus devotos. Os poderes milagrosos do santo e sua capacidade de proteção dos fiéis são constantemente enfatizados, reforçando a devoção destes últimos. Os devotos solicitam ao santo seu "patrocínio", suplicando que ele os auxilie utilizando-se de seu poder na proteção e amparo dos fiéis. Em contrapartida, os devotos prestam-lhe homenagens, como a própria festa, "honrando e louvando" o grande padroeiro. Acreditando nos poderes de intercessão do santo, esperam alcançar a graça de ganhar "as indulgências desta santa devoção".

A devoção ao santo desempenha ainda importante papel ao evocar um regionalismo fundado na noção de "padroeiro". Ser padroeiro é ser protetor de uma localidade específica. Sendo o "Glorioso São José de Ribamar" padroeiro do Estado do Maranhão, a devoção a ele remete a uma forte relação identitária com essa localidade. É o que podemos ver na fala a seguir, de um sócio da ACM:

> Porque São José de Ribamar é um santo milagroso do estado do Maranhão. Principalmente pra quem é de São Luís ou daquelas redondezas ali, dos municípios mais próximos da capital, São José de Ribamar (...) inclusive tem uma cidade até com esse nome, São José de Ribamar. E o santo é muito protetor mesmo... ajuda muito.

Percebemos pelo discurso citado que o poder da santidade está vinculado a um espaço específico, delimitado. O poder do santo cresce à medida que se aproxima de São Luís do Maranhão. Há até mesmo histórias contadas pelos devotos sobre pessoas que, doentes, viajaram para o Maranhão e a graça da cura só foi proporcionada pelo santo quando lá chegaram. A vinculação de São José de Ribamar ao Estado do Maranhão é de tal força que a construção da identidade maranhense passa necessariamente pela devoção a esse santo.

A religiosidade construída pela idéia de devoção é também vinculada a uma grande valorização da caridade. A noção de "caridade", tal qual se apresenta na Casa do Maranhão, está em profunda relação com seu caráter religioso. Devoção, caridade e doação aos mais pobres são pontos fortemente enfatizados durante as missas realizadas na Associação, sempre relacionados à existência dessa "comunidade maranhense", religiosa, no contexto de uma cidade política, onde interesses particulares são acusados de substituir o beneficiamento da população carente, a qual eles pretendem ajudar.

O "trabalho de benemerência", sempre apontado como meta fundamental da Associação pelos sócios efetivos, é reforçado por um discurso que enfatiza a importância da caridade, da ajuda ao próximo, da dedicação, da boa vontade e do esforço não-remunerado. No próprio carnê de pagamento da mensalidade encontra-se a seguinte inscrição: "Seja um voluntário da ação social. Quem dá aos pobres empresta a Deus". O trabalho voluntário de caráter assistencial parece assumir seu significado como parte das obrigações relativas ao papel de católico e devoto de São José de Ribamar. Os atos de solidariedade passam a ser parte fundamental da expressão da identidade dessa "comunidade maranhense", que se reflete no desenvolvimento de uma associação de caráter assistencial, estruturada pela religiosidade de seus membros.

Do "interesse" ao "favor"

Em meu primeiro contato com um membro da Casa do Maranhão, um dentista que já trabalhava na Casa há alguns anos, fui informada de que a Associação é uma entidade "apolítica", conforme consta em seu estatuto. Apesar da preocupação em afirmar a ausência de política na ACM, ou talvez justamente por isto, a esfera política, assim como a religiosa, mostrou-se cada vez mais central para o entendimento do que é a Casa do Maranhão. A própria história da fundação da Associação nos remete a uma circunstância vinculada às relações de poder. A Casa do Maranhão, que já existia há alguns anos e já desenvolvia atividades importantes como a Festa de São José de Ribamar, só obteve as condições para a construção de sua sede quando se encontrava na Presidência da República o maranhense José Sarney. A intercessão do presidente foi de fundamental importância para a obtenção do terreno para a construção da sede e dos recursos para a realização das obras, via Fundação Banco do Brasil. O episódio, visto pelos membros da Associação como uma história de sorte, marca a origem da Casa do Maranhão com forte tendência para as relações pessoais nas quais predominam valores particularistas, baseados nas noções de "favor" e "ajuda", fundamentais em grande parte das relações encontradas dentro da Associação.

Para investigar o lugar da política na Casa do Maranhão, torna-se necessário apreender primeiramente o papel do Estado tal qual ele se apresenta para os membros da ACM. Vista como uma entidade filantrópica, a Associação demanda, de acordo com seus membros, uma atenção especial dos órgãos governamentais. O "serviço assistencial" é visto como um dever do Estado e, sendo a ACM uma associação que desenvolve esse tipo de atividade, ela estaria substituindo o Estado na execução de suas tarefas, o que exigiria, em contrapartida, uma ajuda do Estado para a manutenção da Associação. Mas a tentativa de obtenção de ajuda governamental nem sempre alcança os resultados desejados. Com isso, percebe-se entre todos os membros da Casa do Maranhão, sócios ou não, um grande descontentamento com a forma pela qual o governo tem tratado a Associação.

Apesar da exigência de maior participação do Estado no auxílio à Casa do Maranhão, percebe-se entre seus membros uma visão fortemente negativa da "política". O ato político é apresentado como algo incompatível com a proposta de uma associação voltada para o trabalho de benemerên-

cia. No discurso dos membros da ACM, a "política", vinculada à noção de "interesse", contrapõe-se ao trabalho voluntário e desinteressado, exercido com "sacrifício" e "boa vontade", tão enfatizado pelos sócios.

Com essas afirmações, poderia parecer estranho o fato de alguns atos políticos em particular não serem mal vistos pelos membros da Casa do Maranhão, como é o caso da intercessão do Presidente Sarney no desenvolvimento da Associação. Podemos observar, porém, que casos como esse, ao invés de relacionarem-se à idéia de "interesse", vinculam-se mais fortemente à noção de "favor" e "ajuda". A idéia de favor como algo que permeia relações pessoais aparece extremamente valorizada dentro da Casa do Maranhão. São relações de clientelismo que se estabelecem em várias direções, seja como a relação entre o Presidente Sarney e os sócios da Casa ou como a que se estabelece entre esses mesmos sócios e a clientela que procura os serviços prestados pela Associação. Em ambos os casos o que se observa é uma relação de troca, em que um fornece alguma forma de ajuda ao outro, sendo essa troca caracterizada por sua assimetria e verticalidade.

Como vimos, os sócios da Casa do Maranhão, em especial os sócios efetivos, ressaltam a todo o momento as atividades que desenvolvem para ajudar a população carente. Em todas as atividades nas áreas de educação e saúde, a idéia presente é sempre a de que esses sócios são pessoas de melhor condição econômica que utilizam seus recursos para beneficiar pessoas mais necessitadas. O desequilíbrio da relação está no fato de que, não sendo uma troca entre iguais, esse favor demanda um retorno de outra natureza, como por exemplo demonstrações de respeito e lealdade.

Os serviços prestados pela clientela são mais fluidos e difíceis de caracterizar. Talvez uma forma de pensar a reciprocidade nessa relação seja lembrando que, ao ajudar a população carente, os sócios da Casa do Maranhão estão praticando atos de caridade, considerados por eles um meio para atingir a "eterna bem-aventurança", como podemos observar na inscrição presente no carnê de pagamento das mensalidades da Associação: "Quem dá aos pobres, empresta a Deus". Deus é quem retribuirá os favores prestados pelos membros da Associação, concedendo-lhes a salvação.

Se pensarmos nas outras relações de clientelismo que envolvem os membros da Casa, estabelecidas em outras direções, essa reciprocidade pode se tornar ainda mais clara. É evidente, por exemplo, a homenagem que os sócios da Casa prestam ao ex-Presidente da República que tanto os apoiou. O ato de dar à creche o nome de "Creche Marly Sarney" torna claro o

respeito e a lealdade dos sócios, retribuindo os favores concedidos pelo conterrâneo. E, de maneira geral, essas redes de amizade que vão sendo construídas, fundadas principalmente a partir das relações entre conterrâneos, oferecem as condições para a integração de pessoas provenientes de diferentes camadas da sociedade – entre pessoas procurando ajuda e pessoas que a oferecem.[9]

Na perspectiva da religiosidade, merece ainda ser destacada a idéia de que o contrato que caracteriza o clientelismo não pode ser identificado apenas com as relações entre seres humanos, devendo incluir também relações entre seres humanos e seres sobrenaturais. Em seu ensaio clássico sobre a dádiva, Marcel Mauss já destacava o caráter fundamental da troca entre homens e deuses (Mauss 1967: 12-15). Portanto, ampliando o espectro de formas possíveis da relação entre patrono e cliente, podemos considerar igualmente os "patronos sobrenaturais", nos quais se incluem Deus, Cristo, a Virgem Maria e os santos. No contexto da Casa do Maranhão, torna-se bastante interessante confrontar essa idéia com a forte devoção a São José de Ribamar. Podemos perceber que, como toda relação clientelista, também a devoção se configura a partir de uma relação vertical, uma troca assimétrica entre o santo e o devoto, fundada na benevolência e nos poderes milagrosos do santo que protege e ajuda aqueles que lhe prestam homenagens.

O pedido de proteção e auxílio dos devotos de São José de Ribamar fundamenta-se na crença no poder milagroso do santo, capaz de interceder pela salvação do fiel. Em um ato de reciprocidade, esses mesmos devotos veneram o santo e lhe prestam homenagens como as procissões e as novenas, caracterizando a relação de clientelismo. Aliás, a própria palavra "padroeiro", constantemente utilizada na referência a São José de Ribamar, tem origem no termo latino *patronu*, de onde também se origina a palavra "patrão" ou "patrono". Vale ainda ressaltar que a relação do devoto com o santo é também, em alguma medida, a relação que se estabelece entre a Associação Casa do Maranhão como um todo e São José de Ribamar, padroeiro do Maranhão.

A discussão a respeito das várias formas de clientelismo que emergem na Casa do Maranhão não pode deixar de lado outra importante questão. A relação patrono-cliente é originalmente uma relação de amizade, uma

---

9. Para uma discussão mais aprofundada sobre essa temática, ver Wolf, 1966.

amizade instrumental que alcança um ponto máximo de desequilíbrio, no qual uma das partes é claramente superior à outra. Esse desequilíbrio e o próprio caráter instrumental, no entanto, não retiram a relevância do "afeto", um ingrediente de grande importância na relação. O clientelismo em todas as suas formas seja entre os sócios da ACM e a sua clientela ou entre o santo e seus devotos ultrapassa as necessidades momentâneas dos atores envolvidos, abarcando vários outros aspectos desses atores em uma relação também afetuosa.

Com esse grau mínimo, mas essencial de afetuosidade, a relação patrono-cliente vai além da existência de vantagens materiais. Como aponta Kenny (*apud* Wolf, 1966: 16), estão também presentes nessas relações uma luta contra o anonimato e uma procura por relações pessoais. E a pessoalidade das relações é um fator extremamente relevante na Casa do Maranhão. A ACM favorece significativa "intimidade social", em um contexto originalmente caracterizado por migrantes desenraizados, em busca da reconstrução de seus laços sociais.

Não poderia deixar de lado nessa discussão a respeito do clientelismo na Casa do Maranhão a relação entre o Bumba-meu-boi do S. Teodoro e a diretoria da Associação no contexto da Festa de São José de Ribamar. Acredito ter sido esse episódio o exemplo mais claro da relação patrono-cliente entre os membros da Associação. O grupo de bumba-meu-boi realizou uma apresentação durante a festa sem receber diretamente nenhum pagamento. No entanto, não deixou de estar presente. Mesmo não participando de nenhuma outra atividade durante todo o evento, realizou uma apresentação que, nas palavras de um membro da diretoria, "já é rotina na festa (...)". A par disso, em posição claramente superior, o presidente da Associação agradeceu a participação do grupo e ofereceu, em contrapartida, a sua ajuda: assistência médica e odontológica, creche e cursos profissionalizantes. A troca aí realizada se fez de maneira bem clara, tal qual a clareza da verticalidade da relação. Finalmente, como um complemento à relação estabelecida, o presidente encerrou seu discurso com um amistoso e, aparentemente, nivelador "a Casa é nossa!", garantindo a permanência de um grau mínimo de afetuosidade entre as duas partes e reforçando a existência de uma comunidade maranhense única em Brasília.

Considerações finais

O olhar atento sobre a história e a atuação da Casa do Maranhão em Brasília revela um paradoxo. Por um lado, observamos uma associação que já teve mais de três mil pessoas formalmente associadas e que agora se reduz a um grupo restrito de aproximadamente quarenta sócios que demonstram maior envolvimento com ela. Ainda, a Casa do Maranhão é vista por diversas pessoas como uma associação "sem graça", que não tem muito a oferecer para seus sócios. Por outro lado, a Casa reforça sua relevância ao revelar uma associação capaz de manter-se por tantos anos com uma grande estrutura, em um terreno bem localizado e com prédios bem equipados. É capaz também de mobilizar grande quantidade de pessoas que comparecem anualmente na Festa de São José de Ribamar.

Para compreender essa situação, é preciso retornar à questão posta na introdução do trabalho a respeito da funcionalidade dessa associação voluntária. A ACM, ao longo de todas as atividades que realiza, desempenha um papel fundamental na construção do que seus membros chamam de "comunidade maranhense", proporcionando a integração dessas pessoas. Cada atividade desenvolvida pela Associação surge como uma etapa de um longo caminho no sentido de delimitar não apenas as fronteiras externas da Casa, mas também as fronteiras que se estabelecem no seu interior, marcando a diferença entre os diversos grupos que compõem a comunidade.

A questão persiste, porém, quando refletimos sobre os motivos que levaram a Associação a caminhar em direção ao serviço assistencial, apesar desse processo ter sido acompanhado pela diminuição no número de sócios participativos. Para compreender essa mudança de ênfase em direção à caridade, torna-se necessário retomar o tema da religião, base para a compreensão do que é a Casa do Maranhão. A religião, que aparece como um fator estruturante da Associação, atua também na estruturação da própria identidade do grupo. Todas as atividades desenvolvidas pela Casa, incluindo o trabalho assistencial, são englobadas pela religiosidade, que representa uma instância totalizante e proporciona a coesão dos membros da Associação.

A religião, ao conferir relevância ao serviço assistencial desenvolvido pela Casa, também dá origem a relações marcadas por alto grau de pessoalidade. Constrói-se na Associação um mundo relacional, no qual a posição de cada pessoa é definida hierarquicamente, em referência a suas

relações pessoais e a um maior ou menor grau de prestígio. O "trabalho de benemerência" desenvolvido pela Associação pressupõe uma desigualdade fundamental, que se mantém por meio de relações de clientelismo, em que a assimetria da relação permanece em foco. Na Casa do Maranhão, a idéia de "filantropia", com o sentido humanitário de justiça que implica, cede lugar à noção de "caridade", na qual a diferença entre pobres e ricos, inferiores e superiores, reforça a verticalidade das relações.[10] E é esse viés hierarquizante da caridade que ajuda a construir a comunidade maranhense a partir de uma identidade religiosa e relacional.

É claro, a identidade religiosa e relacional dos membros da "comunidade maranhense" é também, antes de tudo, uma identidade regional, fortemente vinculada ao Estado do Maranhão. A própria religiosidade está estreitamente ligada à devoção a São José de Ribamar, que é apresentado como padroeiro do Maranhão e, portanto, protetor daqueles nascidos nesse Estado. Além disso, o caráter relacional da comunidade está fundado na noção de "conterrâneo". "Ser maranhense" faz do indivíduo indistinto uma pessoa diferenciada capaz de participar da comunidade.

É por meio da verticalidade que caracteriza a Associação que podemos compreender, por fim, a funcionalidade da Casa do Maranhão. Ao mudar-se para Brasília, o migrante desfaz seus laços de pertencimento tradicionais e instala-se no espaço moderno da cidadania e do individualismo. No novo contexto, tem sua identidade social desestruturada e torna-se mero "cidadão". A Associação, porém, possibilita a volta à condição de "pessoa". Pela diferenciação que estabelece entre seus membros, a Casa do Maranhão torna-se uma instituição que opera na manutenção das relações pessoais e hierarquizadas, amenizando o impacto da individualização.

Podemos compreender, assim, a razão pela qual a Casa do Maranhão não se constitui como uma associação cultural de iguais. O sentido de "retomar as tradições maranhenses" ultrapassa a idéia mais imediata de matar a

---

10. Ao abordar a elucidativa distinção entre "indivíduo" e "pessoa" como categorias analíticas, Da Matta (1983: 182) também sugere a impossibilidade de estabelecimento da filantropia na sociedade brasileira. Em um sistema no qual a noção de "pessoa" tem notável privilégio sobre o "indivíduo", a tão aclamada cordialidade passa a estar vinculada a uma lógica hierárquica das identidades sociais. No lugar de um sistema de ajuda ao próximo voltado para a construção social, temos as idéias de bondade e caridade, que permitem o fortalecimento dessa ética vertical, unindo "pessoas", no lugar de "indivíduos" ou "cidadãos".

saudade dos sócios com o bumba-meu-boi ou o cuxá. A retomada dessas tradições significa também a reconstrução de laços de patronagem comuns ao universo de origem dos migrantes que permitem a manutenção da diferenciação entre essas pessoas. E é nesse processo de retorno à condição de "pessoa", diferenciada, que a religião torna-se fundamental. A ênfase em uma tradição religiosa fundada na caridade e na bondade surge como o melhor meio de formar essa totalidade hierárquica na qual se configura a "comunidade maranhense" em Brasília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA MATTA, Roberto. 1983. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar.

MAUSS, Marcel. 1967. *The gift*: forms and functions of exchange in archaic societies. New York: W. W. Norton.

VAN GENNEP, Arnold. 1969. *The rites of passage*. Chicago: The University of Chicago Press.

WOLF, Eric R. 1966. "Kinship, friendship, and patron-client relations in complex societies". In: BANTON, Michael. (Org.). *The social Anthropology of complex societies*. London: Tavistock Publications.

Resumo

Este trabalho trata de uma associação voluntária criada, em Brasília, por migrantes maranhenses: a Associação Casa do Maranhão. Abordo o papel desempenhado por tal associação, especialmente sua função na adaptação dos migrantes a um novo meio sociocultural. A reconstrução da identidade dessas pessoas é favorecida pela criação de uma comunidade estruturada por uma origem e religiosidade comuns. Paralelamente, procuro compreender a trajetória particular da Casa do Maranhão. Enfoco a passagem que realizou, ao longo de sua história, de uma associação cultural de iguais para uma comunidade hierárquica, fundada em relações pessoais e voltada para a realização de serviço assistencial.

Abstract

This paper is about a voluntary association created in Brasília, Brazil, by people migranted from the state of Maranhão: the *Associação Casa do Maranhão*. It deals with the role played by this association, in particular its function in the adaptation of migrants to their new sociocultural context. I argue that the reconstruction of the identity of these people is facilitated by the creation of a community structured by common origin and religiosity. In parallel, I try to make sense out of the unique history of *Casa do Maranhão*. I focus on the transformation the association has gone through, from a cultural association of equal people to a hierarquic community, based on personal relations and directed towards social aid.